

A seqüência argumentativa: estrutura e funções¹

Helena Gryner*



Abstract

In this research I analyze different argumentative structures in spoken Portuguese, based on spontaneous data produced in interview situations, in an attempt to identify a common schema for the genre. The corpus is a set of 64 argumentative texts defined as such based on the presence of conditional sentences. The results show that the study of argumentation ought to consider a prototypic

* UFRJ.

1 A realização desta pesquisa contou, em distintos momentos, com o incentivo dos colegas Angela Correa, Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Lucia Quental, além das sugestões do grupo do Projeto de Estudos do Uso da Língua – PEUL, da UFRJ. Agradeço também, e muito especialmente, a Guylaine Martel, da Universidade de Laval, no Canadá, pela leitura crítica dos originais e valiosos comentários, aos quais se deve, em grande parte, a presente versão do trabalho. Evidentemente todas as falhas são de minha inteira responsabilidade.

structure, linked to universal cognitive processes, but the used structures demonstrate it is not static. Argumentative structures, are just as the alternate forms in the lowest level: they are variable phenomena depending systematically on the predictable contexts of use.

1. Introdução

Este artigo analisa as diferentes seqüências argumentativas tendo em vista um esquema geral que possa caracterizar a estrutura argumentativa e explicitar as condições de emprego dos seus constituintes. Nosso estudo, de caráter empírico, se baseia em dados produzidos espontaneamente em situação de entrevista. As seqüências foram selecionadas através de um traço comum: a presença de oração condicional, como no exemplo (1):

- (1) Saúde é um direito que aqui não existe
Quer dizer... ela é uma mercadoria que você compra.
Você tem ou não tem pra pagar.
Se você não tiver,
Você tem que se virar.
(Se) Fica doente,
cura sozinho ...,morre na fila ou ... vai prum hospital e é maltratado
pacas.
Eu acho que em termos de saúde a gente não tem nada.
(É horrível) (E70p23)

O estudo da argumentação proposto neste trabalho se situa na intersecção de duas vertentes complementares. Por um lado, a análise da conversação, ou seja, das interações que fundamentam a estruturação da seqüência discursiva. Segundo este modelo, a argumentação é "um discurso através do qual o falante sustenta uma posição controvertida" (Schiffrin, 1987). Por outro lado, a Retórica, que desde Aristóteles descreve "os meios para atingir os objetivos persuasivos do locutor". Em uma versão mais recente, a retórica argumentativa define os processos que visam "criar ou acarretar a adesão das mentes às teses apresentadas para seu assentimento" (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1982:18). A função argumentativa passa a ser definida não mais como ação do locutor, mas como efeito produzido sobre o auditório, compreendido como um ou mais ouvintes.

As discussões sobre a estrutura formal da seqüência argumentativa também remontam à Antiguidade clássica, e têm envolvido pesquisadores de áreas tão distintas quanto a Lógica, o Direito e a Inteligência Artificial. Como ilustração desta extensa reflexão sobre os constituintes da argumentação, mencionemos a retórica aristotélica (*Ars Retórica*) e, mais recentemente, a análise da conversação (Schiffrin, 1981). De acordo com a primeira perspectiva, a seqüência argumentativa é dividida em quatro partes: o *exórdio* (introdução), a *narração* (argumentação propriamente dita), as *provas* (sustentação através de comprovação) e a *peroração* (conclusão). De acordo com Schiffrin, a

argumentação é constituída essencialmente por dois componentes: a posição a ser defendida e a sua sustentação, esta última podendo corresponder a explanação, justificação, defesa e modo de apresentação.

Para identificar os componentes relevantes da estrutura argumentativa, adaptamos o enfoque qualitativo desenvolvido por Labov e Waletzky (1967) para identificação dos constituintes da estrutura narrativa. Em seguida, utilizamos um tratamento quantitativo de natureza variacionista (Labov 1965) que permitisse uma análise sociolingüística dos principais constituintes argumentativos.

2. O Corpus

Este trabalho se baseia em um corpus constituído por trechos discursivos produzidos por 16 informantes cariocas, regularmente distribuídos de acordo com o gênero (8 homens e 8 mulheres), o nível de escolaridade (8 universitários e 8 que não completaram o primário) e a faixa etária (8 entre 15 e 24 anos e 8 acima de 35 anos). Este corpus foi obtido em entrevistas de uma amostra constituída por Gryner entre 1980 e 1982, a qual se encontra disponível em versão informatizada no banco de dados do PEUL/UFRJ. Foram coletadas 64 seqüências argumentativas, ou seja, quatro por informante, extraídas do início e do fim de cada entrevista. As seqüências identificadas como argumentativas foram selecionadas a partir da presença de oração condicional, como em (1').

(1') **Se você não tiver**, v ocê tem que se virar.

(Se) Fica doente, cura sozinho..., morre na fila ou ... vai prum hospital e é maltratado pacas.

Como Ford (1988) acertadamente observou, a presença de enunciados condicionais coincide com os pontos da conversas em que, explícita ou implicitamente, surge uma posição controversa. Em trabalho anterior (Gryner 1990) nós mesmos pudemos constatar que a produção destes enunciados, assim como das posições controversas, ocorre em contextos que favorecem o desenvolvimento de seqüências argumentativas. Favorecidos especialmente por temas polêmicos, elas co-ocorrem ainda com outras marcas, como a entoação dubitativa ou a expressão facial e/ou gestual questionadora.

Assim, ao analisar a estrutura variável destas condicionais (Gryner 1990 e 1996), verificamos que a escolha entre formas de flexão modo-temporal e de conexão se relacionam diretamente à presença de marcas argumentativas: a asserção de uma posição, a generalização, a exemplificação e a contra-argumentação.

Além desses elementos de natureza pragmático-discursiva que têm sido objeto de análises sistemáticas, há ainda outros que permitem reconhecer o caráter essencialmente argumentativo dos discursos dialógicos e epistêmicos (Sweetser 1990): as expressões modais, os atos de fala, o discurso citado, o sujeito genérico e certos marcadores como *porque, suponhamos, por exemplo, só, assim, ó/olha, então, aí, mas, agora, né?, entendeu?, sabe?*.

3. A estrutura argumentativa

A formulação da estrutura argumentativa básica, aqui proposta, se baseia na descrição dos diversos constituintes com função argumentativa identificados no *corpus* e na sua classificação em categorias distintas. O quadro 1, abaixo, reúne o conjunto destas categorias e dá conta das respectivas funções.

Quadro 1

Categorias constituintes e suas funções

<p>Posição (<i>ponto de vista</i>) (Asserção básica sustentada pelo locutor)</p> <p>(1a) Saúde é um direito que aqui não existe.</p>
<p>Justificação / Explicação (Explicação das causas e razões da posição defendida pelo locutor)</p> <p>(1b) Quer dizer... ela é uma mercadoria que você compra. Você tem ou não tem pra pagar.</p>
<p>Sustentação (evidência que sustenta a posição do locutor)</p> <p>a - Evidência formal (especificação) (Apresentação de aspectos particulares e/ou alternativos da posição)</p> <p>(1c) Se você não tiver, você tem que se virar.</p> <p>b - Evidência empírica (exemplificação) (Ilustração da posição através de fatos concretos).</p> <p>(1d)[Por exemplo, se] Fica doente, cura sozinho ..., morre na fila, ou ... vai prum hospital e é maltratado pacas</p>
<p>Conclusão (Fecho da argumentação, confirmação da posição defendida pelo locutor com base nas provas apresentadas)</p> <p>(1e) Eu acho que em termos de saúde a gente não tem nada.</p>
<p>Avaliação (CODA) ("Moral" da história, asserção que expressa a atitude do locutor)</p> <p>(1f) [É horrível]²</p>

2 Os exemplos citados foram extraídos das seis seqüências argumentativas, constantes do anexo.

3.1. Características das categorias constituintes

As categorias alistadas no quadro 1 se apresentam como fortes candidatas a constituintes básicos das seqüências argumentativas: elas recorrem consistentemente em nosso corpus e permitem dar conta de todos os atos discursivos envolvidos. O reconhecimento destas categorias é facilitado no discurso pela presença de índices formais e/ou semânticos, como se pode observar nos exemplos seguintes (2).

Posição

Asserção básica em que se fundamenta a seqüência argumentativa. Expressa a tese ou ponto de vista a ser defendido pelo locutor. Em nosso corpus este é, geralmente, o primeiro item de uma seqüência, tem o verbo no indicativo e nunca é expressa por condicional, como nos exemplos seguintes:

- (2a) Nem sempre os planos bem pensados dão certo.
- (3a) (Um dos) piores problemas que a gente tem de atualidade (é) o transporte.
- (4a) Resolvia mais (ter) um...diálogo direto.
- (5a) O casamento...(não é) coisa do passado.
- (6a) (Quem tem um curso lá fora) tem (mais chance).

Justificação

A justificação ou explicação pode referir-se a qualquer constituinte: posição, exemplificação, evidência formal, conclusão ou coda. É expressa geralmente por oração introduzida pelos conectivos causais *porque* ou *que* explícitos ou recuperáveis do contexto:

- (2b) Agora, suas obrigações, o dia a dia, prefiro planejar, *porque fica mais fácil.*
- (3b) ...ninguém pode pisar no calo do outro *que uns querem se agredir...né? ao outro.*
- (4b) (Greve) deve chamar inflação. *Porque* os sujeito faz greve, *fica tudo parado, né? nas fábricas.*

Sustentação

A sustentação constitui o núcleo da argumentação. Há duas formas básicas de se trazer o interlocutor para o ponto de vista defendido: através de evidência formal, não-empírica, ou seja, por *especificação* e através de evidência empírica, ou seja, por *exemplificação*.

a) Evidência formal (especificação)

Qualquer elemento da seqüência, inclusive a posição, pode ser especificado. Em geral a especificação não é marcada formalmente. No entanto, pode ser facilmente reconhecida quando constituída por uma asserção restringida por condicional posposta e/ou nos casos em que há alternância entre duas ou mais condicionais. Observe-se que nestes casos a especificação

pode vir indicada explicitamente: pelo marcador *só*, no primeiro caso, e por *agora ou mas*, no segundo. 2c e 3c, abaixo, exemplificam a evidência formal:

- (2c) Tem coisa que, assim, em cima da hora... dá mais certo... . *Agora* uma viagem, um passeio, uma visita tem que ser assim, na hora, sabe?
- (3c) O transporte irrita muita gente. Principalmente o calor do Rio, tá? o calor do Rio.

b) Evidência empírica (exemplificação)

A exemplificação é facilmente identificável pela presença de índices lingüísticos do tipo: *por exemplo vamos supor, você vê*, etc. Estas expressões, explícitas ou inferíveis a partir do contexto, antecedem tanto narrativas completas quanto enunciados condicionais *que se opõem e/ou incluem enumerações e seqüências de ações*, como nos exemplos seguintes:

- (2d) Um passeio, *por exemplo*, não posso planejar. ... *Agora, [por exemplo] uma viagem, um passeio, uma visita*, tem que ser assim, na hora, sabe? arrumar as malas e sair.
- (5d) Eu, *por exemplo*, tive um amigo que moravam vinte, quinze anos juntos e que se casaram.

Conclusão

Da mesma forma que ocorre nas narrativas (Labov e Waletzki 1967), a conclusão encerra o desenvolvimento da seqüência argumentativa. Ela é identificável por retomar parcial ou totalmente o conteúdo da posição do locutor com o emprego de expressões idênticas ou sinônimas, como se constata nos exemplos abaixo:

- (2e) Posição: nem sempre os planos bem pensados dão certo.
Conclusão: aí não dá certo.
- (3e) Posição: o transporte irrita muita gente.
Conclusão: eles ficam muito irritados.
- (4e) Posição: resolvia mais um...diálogo, direto.
Conclusão: tem que ser trabalhando e diálogo.
- (5e) Posição: o casamento não é coisa do passado
Conclusão: eu não acho que casamento seja coisa do passado
- (6e) Posição: (quem tem curso lá fora) tem (mais chance)
Conclusão: se eu fizer um curso nos Estados Unidos... daí dá um pouco mais de chance sim.

Avaliação ou coda

Tal como se verifica em narrativas, a coda argumentativa ocorre no fim da seqüência e expressa a atitude do locutor, que se coloca de uma perspectiva externa à argumentação. Caracteriza-se, portanto, pela mudança de perspectiva do locutor e vem indicada formalmente por expressões de emoção e avaliação, como nos exemplos:

- (2f) Aí eu fico com raiva.
- (5f) Eu acho isso.

2.2. O esquema argumentativo

A estrutura argumentativa geral deve, portanto, prever as seis funções mencionadas acima. No entanto, elas se realizam diferentemente nas seqüências argumentativas do corpus. A estrutura básica apresenta-se em constante mutação. Pode-se alistar alguns fatores de diversificação:

Varição na ordem e hierarquização das categorias

Embora a posição e a coda ocupem lugares fixos, há um alto grau de liberdade quanto à ordenação das demais categorias na seqüência. Praticamente todas as combinações são possíveis. Nos exemplos (2-6) encontramos:

- (5b) justificação de conclusão
- (2b) justificação de coda
- (6b) justificação de exemplificação
- (2d) exemplificação de especificação
- (6d) exemplificação de justificação

Caráter facultativo de certos constituintes

O único constituinte indispensável à argumentação é a *posição*, que ocorre explicitamente na fala do entrevistado ou do entrevistador ou em ambas (como nos exemplos 2a e 5a).

- (2a) Entrevistador: – .. quais são os piores problemas que a gente tem..?.
– (Um dos)[piores problemas que a gente tem é] O transporte.
- (5a) Eu não acho que casamento seja coisa do passado)

Constituintes que assumem mais de uma função

Um mesmo constituinte complexo pode conter mais de uma função argumentativa, como: *exemplo e especificação, justificação e posição* etc.

- (2a) Especificação: Agora, ... Agora ...
Exemplificação: [por exemplo] suas obrigações, o dia a dia prefiro planejar ...
[por exemplo]uma viagem, um passeio, uma visita, tem que ser

Constituintes de conteúdo distinto que assumem função idêntica

- (4a) Justificação - 1: porque o sujeito faz greve, fica tudo parado, né? nas fabricas
Justificação - 2: [porque] se a fábrica não produz, o país fica sem produção e o país...sei lá..

No entanto, apesar da profusa variabilidade de usos descrita acima, a análise da estrutura argumentativa permite formular algumas generalizações:

- a seqüência argumentativa básica é limitada pela posição e conclusão. Como se pode ver nos exemplos (2-6) elas envolvem o desenvolvimento da argumentação. Mas, ao mesmo tempo, elas estabelecem os limites que separam a seqüência argumentativa do co-texto precedente e subsequente. Aparentemente a coda constitui um elemento finalizador subsidiário.
- o único elemento obrigatório é a posição. Ela aparece explicitamente em todos os exemplos muitas vezes retomando a fala do entrevistador.
- todos os elementos são formal e/ou semanticamente ligados à posição, através de elos coesivos que articulam a seqüência argumentativa.

O fluxograma que segue (Figura 1) evidencia a sistematicidade e dinamismo da variação da estrutura argumentativa.

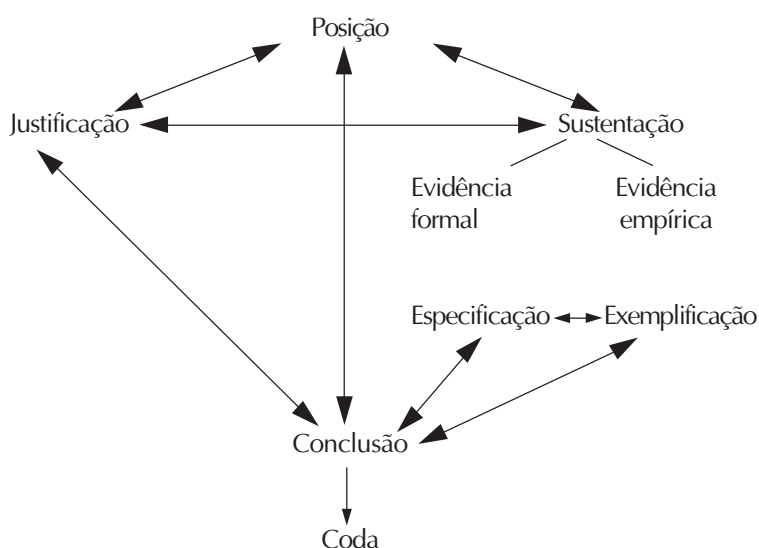


Figura 1 - Fluxograma da dinâmica argumentativa.

Uma configuração análoga das funções argumentativas foi assinalada por Martel (1998) para o francês de Quebec. A coincidência entre as descrições, que por sinal também coincidem com os modelos propostos desde a Antiguidade, permitem-nos supor que o esquema argumentativo proposto é prototípico e trans-lingüístico, provavelmente derivado de processos cognitivos e sociais universais.

4. Análise Quantitativa

O levantamento estatístico da presença das categorias nas seqüências do corpus permite traçar o perfil das seqüências mais usadas. Assim, o quadro

2 dá conta da frequência estatística de cada uma das categorias³ em relação ao total das 64 seqüências que compõem o corpus.

A seqüência argumentativa: estrutura e funções

Helena Gryner

Quadro 2
Distribuição das categorias argumentativos no corpus

categorias	Distribuição das ocorrências das categorias em cada seqüência por total de (64) seqüências argumentativas	freqüência
Posição	64/64	100%
Conclusão	59/64	92%
Justificação	37/64	58%
Exemplificação	32/64	50%
Coda	14/64	22%

Verificamos que a *posição*, categórica por definição, está presente em 100% dos casos, isto é, em todas as seqüências argumentativas. A *conclusão* também é muito freqüente, sendo explicitada 92% dos casos, ou seja, quase categoricamente. A *justificação* e a *exemplificação* são muito menos freqüentes e com índices muito próximos, 58% e 50%, respectivamente. Isto significa que ocorrem na proporção de uma para cada duas seqüências. A *coda*, categoria não mencionada nas tipologias correntes, é também o elemento menos freqüente ocorrendo em apenas 22% dos casos. Este índice coincide, surpreendentemente, com as taxas de codas registradas em narrativas de várias línguas, fenômeno sugestivo que aguarda futuras pesquisas.

Para explicar a variação no uso das diversas categorias argumentativas do corpus, procedemos à análise estatística dos fatores sociais e pragmático-discursivos que caracterizam os locutores que produziram as seqüências. Esta análise revela uma correlação significativa entre a generalidade do constituinte que preenche a função de posição e, por um lado, a presença de determinadas categorias argumentativas e, por outro, a presença de três parâmetros que identificam socialmente os locutores: idade, gênero e grau de escolaridade.

4.1. Grau de generalidade da posição

A primeira correlação testada se dá no interior das seqüências argumentativas e é de natureza pragmático-discursiva. Analisamos o efeito do grau de generalidade do constituinte que preenche a função de posição sobre a presença ou não de cada uma das categorias da seqüência argumentativa.

Definimos como genéricas as posições que expressam circunstâncias não eventuais. Incluem-se entre elas os princípios gerais estabelecidos científica ou socialmente, os comportamentos habituais e os que dizem respeito a um grupo de pessoas, como nos exemplos (2a e 6a).

³ Não nos detivemos aqui no cálculo das *evidências formais*, tema que, por sua complexidade, extrapola os limites deste artigo.

- (2a) Nem sempre [os planos bem pensados dão certo].
(6a) Ah, [quem tem um curso lá fora] tem [mais chance]

O exemplo (4a) ilustra a posição de conteúdo não-genérico:

- (4a) Eu acho que (o que) resolvia mais [a (atual) situação de baixos salários] (era) um diálogo direto.

Tabela 2
Correlação entre a presença das categorias
e o grau de generalidade da posição

	Justificação	Exemplificação	Conclusão	Coda
Posição de conteúdo genérico 28 seqüências	65%	79%	97%	17%
Posição de conteúdo específico 36 seqüências	43%	43%	83%	28%

Os resultados estatísticos descritos na tabela 2 indicam que há mútua interferência entre as diferentes categorias da seqüência argumentativa. As que são baseadas em posições genéricas apresentam taxas mais altas, tanto de justificações quanto de exemplificações e de conclusões, em contraste com aquelas seqüências em que as posições são específicas. Talvez isso se explique funcionalmente. Sendo mais conhecidos os conteúdos genéricos são também mais passíveis de se verem contraditados, o que exigiria maior esforço de persuasão do locutor. Assim, as posições genéricas tenderiam a ocorrer em seqüências mais complexas, ou seja, em argumentações mais fundamentadas.

4.2. Fatores sociais

Uma primeira correlação extra-lingüística, entre o uso das categorias argumentativas e a idade do locutor, revelou que há uma oposição entre os grupos etários, como se pode observar na tabela 3:

Tabela 3
Correlação entre a presença das categorias e a idade do locutor

	Justificação	Exemplificação	Conclusão	Coda
15 a 25 Anos 32 seqüências	63%	63%	97%	23%
50 Anos ou mais 32 seqüências	47%	41%	99%	23%

Estes índices estatísticos revelam que os jovens empregam mais do que os mais velhos os recursos disponíveis para a defesa de suas posições. Isto poderia estar refletindo o fato de que os jovens dependem mais diretamente

do auditório para ter os seus pontos de vista considerados. Esta hipótese é respaldada por evidências independentes. Os estudos de comportamento explicam freqüentemente as atitudes dos adolescentes como decorrentes da necessidade de afirmar-se e "garantir o seu espaço" no mundo adulto. O mesmo poderia estar ocorrendo nas disputas conversacionais, quando se veria compelido a reforçar sua argumentação com justificações e exemplificações para fazer valer seus pontos de vista.

Uma segunda correlação social, entre a presença das categorias argumentativas e o sexo/gênero dos locutores, revelou uma distribuição entre duas formas de argumentar: os homens tenderiam a utilizar a exemplificação, enquanto as mulheres usam preferentemente a justificação, como se vê na tabela 4:

Tabela 4

Correlação entre a presença das categorias e o gênero/sexo do locutor

	Justificação	Exemplificação	Conclusão	Coda
Homens 32 seqüências	44%	56%	87%	28%
Mulheres 32 seqüências	59%	37%	91%	33%

Os enunciados de exemplos são narrativas que reportam experiências concretas extraídas da prática social e compartilhados, em geral, por toda a comunidade. Neste caso os exemplos constituem verdadeiros *topoi* (Anscombe 1984), podendo ser usados como evidências fatuais tidas como praticamente irrefutáveis.

O uso diferenciado deste recurso conforme o gênero do falante parece indicar que a velha distinção entre os papéis masculino e feminino continua vigente no ideário de nossa sociedade. Até muito recentemente, os homens eram geralmente educados para uma vida social diversificada. Era previsto que se moveriam dentro de uma rede complexa de interações, compartilhando experiências e opiniões generalizadas. Esta situação tende a favorecer o uso de exemplos. Por outro lado, a educação feminina era orientada para os afazeres domésticos. Nos casos mais otimistas, as mulheres realizariam atividades externas em que os contatos públicos e, portanto, a rede de interações, eram mais limitados. Esta situação restringe o acesso às condições de uso da exemplificação em situação de entrevista.

Quanto ao emprego preferencial de justificações pelas mulheres, talvez decorra da necessidade que sentem de legitimar as suas posições. Durante muitos anos as mulheres tiveram suas opiniões forçadamente silenciadas ou desqualificadas como "pouco razoáveis" e "emotivas". Parece explicável que, mais que os homens, elas antecipem uma crítica eventual e reforcem a sustentação de seus pontos de vista aumentando a proporção de "explicações", ou seja, acrescentando argumentos "lógicos".

Uma terceira e última correlação associa a presença das categorias argumentativas ao grau de escolaridade.

Tabela 5
Correlação entre a presença das categorias e o grau de escolaridade do locutor

	Justificação	Exemplificação	Conclusão	Coda
Primário Incompleto 32 seqüências	45%	64%	86%	27%
Universitário 32 seqüências	61%	55%	100%	19%

A tabela 5 revela que os locutores mais escolarizados tendem a utilizar justificações, enquanto os menos escolarizados preferem apresentar exemplificações, ou seja, evidências concretas. Estes resultados refletem o efeito da escola tradicional que preconiza a superioridade da "razão" e das explanações teóricas, em detrimento do conhecimento empírico e das demonstrações práticas. O emprego de justificações neste caso teria por função, não mais a busca de legitimação para o ponto de vista assumido, mas a explicitação de causas que o confirmam. Observe-se ainda que as taxas de presença de um constituinte conclusivo é mais alta entre os universitários – para este grupo seu uso é categórico – enquanto a coda é mais freqüente entre os locutores menos escolarizados. Estes resultados apontam intenções distintas no uso da argumentação. Universitários desenvolvem os argumentos privilegiando uma conclusão "lógica", vista como imparcial. Os menos escolarizados apresentam as mesmas categorias de argumentação privilegiando a avaliação dos fatos mencionados, ou seja, o envolvimento pessoal na controvérsia.

Considerações finais

Os resultados da análise das estruturas argumentativas e da função dos seus constituintes evidenciam a presença de um esquema dinâmico subjacente aos usos variáveis das categorias do discurso.⁴

Por outro lado, a perspectiva abrangente da análise aqui adotada, ao mesmo tempo qualitativa e quantitativa, permite demonstrar como um esquema argumentativo único, desenvolvido com base em processos cognitivos – presumivelmente de caráter universal – pode atualizar-se, relacionando-se dialeticamente com categorias funcionais cujo emprego, dinâmico e sistemático, varia de acordo com contextos pragmáticos e sócio-culturais.

4 Segue-se que, dados os elos coesivos que articulam os constituintes co-ocorrentes na seqüência, as restrições impostas por um esquema desta natureza deverão ser consideradas na análise das formas variáveis em todos os níveis do discurso.

Anexo

A seqüência argumentativa: estrutura e funções

Helena Gryner

Seqüência argumentativa (2) [Entrevista 60:03]

	<i>Entrevistador:</i> Para você os planos bem pensados dão certo?
Posição	Nem sempre
Especificação - 1	Tem coisa que assim em cima da hora a gente vai fazer dá muito muito mais certo do que outra coisa pensada
Exemplificação - 1	Um passeio, por exemplo, não posso planejar
Justificação - 1	porque geralmente não dá certo
Justificação - 2	Você não pode ir agora, não pode ir naquele dia,
Especificação - 2/ Exemplificação - 2	Agora, suas obrigações o dia a dia, prefiro planejar
Conclusão	Aí não dá certo
Justificação - 5	Aquilo que eu quero fazer e não consigo eu fico com raiva

Seqüência argumentativa (3) [Entrevista 74:22/23]

	<i>Entrevistador:</i> E você acha que quais são <os piores problemas que a gente tem de atualidade>, fora esses que você já falou, [...]?
Posição - 1	O transporte
Justificação - 1	irrita muita gente
Posição - 2 Especificação	principalmente o calor do Rio, tá? o calor do Rio,
Exemplificação - 1	Você pode ver, se você andar numa condução em tempo de verão verdadeiro
Conclusão	eles ficam muito irritados
Exemplificação - 2	ninguém pode pisar no calo do outro
Justificação - 2	que uns querem se agredir, agredir ... né? ao outro

Seqüência argumentativa (4) [Entrevista 06:16]

	<i>Entrevistador:</i> O que que o senhor acha que resolve então? Os trabalhadores estão com um salário baixo, né? Aí, que que o senhor acha que...
Posição - 1	Eu acho que... resolvia mais um... diálogo, direto. Sei lá.
Posição - 2	A greve só traz mais inflação. Eu... no meu ponto de vista pra mim deve chamar inflação
Justificação - 1	porque o sujeito faz a greve, fica tudo parado, né? nas fábricas.
Justificação - 2	Se a fábrica não produz, o país fica sem produção e o país... Sei lá...
Conclusão - 1	Eu acho que não dá certo não.
Conclusão - 2	Tem que ser trabalhando e diálogo.

Seqüência argumentativa (5) [Entrevista 67:39/40]

Posição	... Agora, eu não acho que o casamento seja coisa do passado ...
Justificação - 1	Eu conheço casos, da pessoa ter-
Exemplificação	Eu, por exemplo, tive um amigo que moravam vinte, quinze anos juntos e que se casaram. Moraram juntos, tiveram os filhos, formaram os filhos e se casaram, tá entendendo?
Conclusão	Eu não acho que casamento seja coisa do passado...
Justificação - 2	...Se se der bem, o casamento virá, mais cedo ou mais tarde
Coda	Eu acho isso.

Seqüência argumentativa (6) [Entrevista: 71:30/31]

	<i>Entrevistador:</i> Então, quem tem um curso lá fora, você acha – acredita que tem mais chance?
Posição	Ah, tem (mais chance).
Justificação - 1	Porque aqui se valoriza muito o diploma de fora, né?
Especificação	Pode ser de qualquer coisa, até de arte culinária.
Exemplificação	Se você chegar e disser que estudou na França, lá com o maître francês, eles vão te dar mais valor
Justificação - 2	Aqui a tendência é valorizar tudo que vem de fora, né?, o estrangeiro.
Conclusão	Então se eu fizer um curso nos Estados Unidos – vai depender do curso, também, né? – acho que talvez vai-vá dar um pouco mais de chance sim, vai dar.

A seqüência argumentativa: estrutura e funções

Helena Gryner

Referências Bibliográficas

- ANSCOMBRIE, Jean-Claude(1984). *Argumentation et topoï, Argumentation et valeurs (5-11 juillet)*. École Normal d'Albi. Responsable George Mourand.
- FORD, Cecília e Sandra THOMPSON (1986). *Conditionals in discourse: a Text-base study from English*, Traugott, E et alii (eds). *On Conditionals*. Cambridge. Cambridge University Press.
- FORD, Cecília (1988). *Grammar in ordinary interaction: the pragmatics of adverbial clauses in conversational English*. Dissertation for the Degree of Doctor in Philosophy in Applied Linguistic. Los Angeles. University of California.
- GRYNER, Helena (1990). *A Variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. UFRJ.
- _____. (1996) "Variação modal como estratégia argumentativa". In: *Variação e Discurso*. Macedo, Alzira Tavares et alii. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro.
- LABOV, Willian. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966
- _____. e Joshua WALETZKI (1967). "Narratives analysis: oral versions of personal experiences", in June HELM (ed), *Essays on the verbal and visual art*, University of Washington Press, p. 12-44.
- _____. (1978) "Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera." Austin, Texas, Southwest Educational Development Laboratory.
- LAVANDERA, Beatriz R. (1984). *Variación y significado*. 1ª edição. Buenos Aires, Manchete.

- MARTEL, Guylaine (1998). *Pour une rhétorique du quotidien*, CIRAL. Québec. Université Laval,
- _____. (Org) (2000) *Autour de l'Argumentation*. Rationaliser l'expérience quotidienne. Éditions Nota bene. Québec. Québec
- MOLLER, Erik (1996). "Variation in narrative structures", in *Sociolinguistic variation: data, theory and analysis*, NWAVE 23. Stanford, USA.
- PERELMAN, Chaim(1982). *The Realm of rethoric*. London, University of Notre Dame Press.
- _____. et L. Olbrecht-Tyteca (1983) *Traité de l'Argumentation. la nouvelle rhétorique*. Bruxelles Éditions de l'Université de Bruxelles.
- SANKOFF, David (1994). Social Interest, Linguistic Indifference, *Culture*, 14(2): 27-36,. Montréal. Université Concordia.
- SCHIFFRIN, D. Background: What is discourse. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.1-30, 1987.
- SWEETSER, Eve (1900). *From etymology to pragmatics. Metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge University Press.
- VINCENT, Diane(1992). "The Sociolinguistics of Exemplification in Spoken French in Montréal", *Language Variation and Change*, 4(2): 137-162.